



Este artigo é publicado com uma licença Creative Commons 4.0. Com essa licença você pode compartilhar e/ou adaptar o material para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra, forneça um link para a licença, e indique se foram feitas alterações.

ARTIGO

O canibal e o cenobita em Wall Street: capitalismo, vício e subjetividade

Domenico Uhng Hur



Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6766-7024>

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.14972666>

Resumo

O objetivo deste artigo é investigar como o capitalismo opera no governo da subjetividade, com referência em obras cinematográficas, para discutir seus mecanismos de captura psicopolítica. Nessa reflexão busca-se focalizar mais na perspectiva de um governo subjetivo, do que discutir as engrenagens do capitalismo. Como método utilizamos passagens de dois filmes e de um seriado televisivo para dramatizar o funcionamento da subjetividade capitalista na contemporaneidade: *O Lobo de Wall Street*, *Hellraiser* e *Dahmer: um canibal americano*. Como resultados trabalhamos cinco características da conexão capitalismo e subjetividade que extraímos destas obras: a idealização, o vício, a transgressão, a transcendência e a governamentalidade subjetiva. Consideramos que o capitalismo opera como um novo modo de poder sobre o pensamento e a subjetividade que não está pautado na alienação ou falseamento do real, mas sim na modulação dos investimentos desejantes da população, seus afetos, condutas e idealizações.

Palavras-chave: Cinema; Psicologia; Política; Esquizoanálise.

The cannibal and the cenobite on Wall Street: capitalism, addiction and subjectivity

Abstract

The aim of this article is to investigate how capitalism operates in the government of subjectivity, with reference to cinematographic works, in order to discuss its mechanisms of psychopolitical capture. This reflection seeks to focus more on the perspective of a subjective government, rather than discussing the gears of capitalism. As a method, we use excerpts from two films and a television series to dramatize the functioning of capitalist subjectivity in contemporary times: *The Wolf of Wall Street*, *Hellraiser* and *Dahmer – Monster: The Jeffrey Dahmer Story*. As a result, we discuss five characteristics of the connection between capitalism and subjectivity that we extracted from these works: idealization, addiction, transgression, transcendence and subjective governmentality. We consider that capitalism operates as a new mode of power over thought and subjectivity that is not based on the alienation or falsification of reality, but rather on the modulation of the population's desiring investments, their affections, behaviors and idealizations.

keywords: Cinema; Psychology; Politics; Schizoanalysis.

Introdução

O tema da relação entre capitalismo e subjetividade é recorrentemente discutido pela Psicologia Social e Política, num cenário em que é impossível discutir a conduta das pessoas sem apreender o contexto neoliberal em que estão inseridas. *Não era depressão, era capitalismo* é a frase pichada em muitos lugares, reproduzida nos *posts* das redes sociais digitais e que atesta o sofrimento psíquico produzido pelo diagrama neoliberal. Oliver James (2008), em *The selfish capitalist*, mostra estatisticamente o aumento significativo de transtornos psíquicos na população inglesa com a intensificação do neoliberalismo. E a psicologia nunca esteve tão na moda nesses períodos de crise socioeconômica e extremismos políticos, dando continência, ou anestesiando os malestares contemporâneos produzidos por este diagrama de forças.

Contudo, mesmo nesse campo de investigação ainda se nota uma perspectiva mais macropolítica e social nas reflexões sobre o capitalismo, deixando a perspectiva psicopolítica acerca do fenômeno ainda em segundo plano. Os estudos sobre capitalismo e subjetividade geralmente desenvolvem mais a mecânica do neoliberalismo, tal como vemos nos trabalhos de matriz marxiana e até mesmo na esquizoanálise. Deleuze e

Guattari discutem de modo arguto como é a operação da axiomática do capital (Deleuze, 1971/1972; 1979; Deleuze & Guattari, 1972) e sua atualização nas mais diversas materialidades. Seus comentadores também realizam tal reflexão, como por exemplo discutindo a configuração das instituições em tempos de neoliberalismo (Hur, 2015a), as novas formas corporais, como o *corpocapital* (Hur, 2015b), a subjetividade capitalista e seu modo de funcionamento (Barros & Passos, 2004; Hur, 2018) etc. Constata-se uma certa lacuna no que se refere a como as pessoas subjetivam a lógica neoliberal, de como seus desejos são modulados, que modalidades de imaginário e de idealizações são fomentadas. Consideramos assim ser necessário refletir mais sobre como a população é capturada, “enfeitiçada”, por esse mecanismo psicopolítico.

O objetivo deste artigo é investigar como o capitalismo opera no governo da subjetividade, com referência em obras cinematográficas, para discutir seus mecanismos de funcionamento psicopolítico. Nessa reflexão busca-se focalizar mais na perspectiva de um governo subjetivo, do que discutir as engrenagens do capitalismo, que já foram bastante trabalhadas nos textos supracitados. Como método utilizamos passagens de dois filmes e de um seriado televisivo para dramatizar o funcionamento da subjetividade capitalista na contemporaneidade: *O Lobo de Wall Street*, *Hellraiser* e *Dahmer: um canibal americano*. Estas obras foram escolhidas devido às reflexões que nos despertaram sobre o capitalismo e sua modulação desejante, fomentando *insights* que inclusive podem transcender suas histórias originais. Foram utilizados conceitos da esquizoanálise e da análise institucional para discutir o fenômeno investigado.

O acesso às produções artísticas culturais não serve apenas como metáfora, ou figuração, do fenômeno investigado, senão como uma *dramatização* do real. Gilles Deleuze (1986) ao discutir a literatura, compreende que ela transpassa a finitude da linguística, devindo uma força real, que não é mera representação da realidade. Consideramos que o cinema cumpre função convergente à literatura, de semiotização e produção do mundo e de si, criando mais sentidos acerca do real. De acordo com Fabio Montalvão Soares (2019) os dispositivos audiovisuais midiáticos do cinema incidem na produção de subjetivação, isto é, há uma produção dos modos de ser e devir no contato com a produção cinematográfica. Paul Beatriz Preciado (2006) também ressalta essa

característica performativa do cinema, em que não meramente representa o mundo, mas o produz. Ele cita o filme *Garganta Profunda* que instaura a felação como uma prática sexual, em que este filme institui este ato como algo “protocolar” no ato sexual. Para Preciado os filmes pornográficos, mais do que meros produtos de entretenimento, operam como uma verdadeira pedagogia sexual de espacialização, temporalização e corporalização do sexo. Não são mera representação, mas uma pragmática de performatização. Então nosso acesso às obras cinematográficas é um recurso de visibilização de uma performance em jogo, de suas características realizativas (Austin, 1962), de como esses próprios filmes podem ter se antecipado aos pensadores da Universidade em descrever o funcionamento do agenciamento capitalismo-subjetividade.

Vale destacar que não pretendemos fazer uma crítica artística sobre as obras cinematográficas, mas ao contrário, extrair enunciados delas que nos possibilitem pensar o presente. Como resultados trabalhamos cinco características da conexão capitalismo e subjetividade que extraímos destas obras: a idealização, o vício, a transgressão, a transcendência e a governamentalidade subjetiva. Organizamos esta discussão em três movimentos.

1º Movimento - Idealização, vício e transgressão: *O Lobo de Wall Street*

O Lobo de Wall Street (Scorcese, 2013) é baseado na história real de um investidor financeiro, Jordan Belfort, e retrata sua trajetória como corretor de seguros, seu enriquecimento com sua empresa de investimentos, até sua bancarrota¹. A princípio parece tratar-se de mais uma narrativa cinematográfica padrão de alguém que começou de baixo, enriqueceu e depois perdeu tudo. A diferença é que seu enriquecimento milionário não foi resultado de duros anos de trabalho suado e merecido, meritocrático, senão por uma série de práticas ilegais de especulação financeira; assim Jordan ocupa o duplo lugar de herói e criminoso na narrativa. Todavia, conjecturamos que o público do longa-metragem, seus fãs, representa seu papel mais como de herói, do que de vilão, com um alto grau de idealização, em que Belfort figura como uma espécie de *herói neoliberal*,

¹ Destaca-se que este filme foi um grande sucesso de público e de crítica, sendo indicado ao Oscar nas principais categorias.

com todos seus vícios e percalços.

O filme torna-se uma espécie de conto de fadas pós-moderno, que coroa o mito do capitalismo, o novo sonho americano, a trajetória do capitalista *yankee* que todos querem galgar. Nesta história, como no mito do trabalho neoliberal, performatiza-se uma narrativa do “herói”, ou melhor do anti-herói, que devido a seu “trabalho” consegue ascender para uma vida de riqueza, e como consequência, ter “direito” ao consumo e prazer desenfreados. Portanto, gera-se uma colagem imaginária (Kaës, 1997) entre desejo do público e trajetória do protagonista, que devido a seu ideal de sair da pobreza, e consequentemente do anonimato, passa a torcer pelo êxito de Jordan, como se fosse seu próprio sucesso (do público), em que se idealiza em algum momento da vida se destacar como singular de alguma maneira.

Esse herói ocupa o lugar do *cap leader*, do líder da matilha. Wall Street é a personificação da máxima de Thomas Hobbes (1651), de que o homem é o lobo do homem. Cada investidor-acionista está competindo, tirando o sangue do outro, a qualquer custo. Mas neste caso é como se não tivéssemos o Leviathan, o Estado, para regular as relações sociais, mediar o jogo. É cada malta se aliando e combatendo as outras, atacando as ovelhas e outros lobos, em que ninguém quer ser a ovelha, a vítima, e todos querem ser os predadores, o lobo.

Nesses bandos o *cap leader* cumpre todo o cerimonial motivacional, de que com o esforço conseguimos realizar nossos sonhos. O discurso emitido é que tudo depende de nós, e de ninguém mais. Então Jordan fala no microfone, à frente de todos seus funcionários, como se fosse uma estrela de rock. Fala, grita, canta, dança, e o público entra em êxtase, numa vinculação libidinal, erótica e sexual (Freud, 1921; Lourau, 1975), de fusão com seu líder e com seu ideal de enriquecer e se lançar aos seus sonhos mais hedonistas. Há um discurso motivacional que mescla diversão ao sonho idealizado de atingir as aspirações de hiperprodução. Consideramos que Belfort ocupa mais essa função de líder da matilha, num agenciamento transversal, ao invés do modelo patriarcal, sustentado por Carvalho et al. (2024), que é mais vertical, hierarquizado.

A narrativa segue a lógica “meritocrática” mesclada com humor, ou seja, do trabalho neoliberal relacionado a afetos de diversão, satisfação e prazer. Tal associação

gera maior identificação do público com esse ideal de sucesso, e consequentemente com o anseio do consumo. O prazer da recompensa neoliberal aparece de forma expressiva. Por isso Jordan passa a consumir desenfreadamente as benesses do seu trabalho, o reforço de suas ações, a promessa do êxito neoliberal. O consumo é realizado de modo muito exagerado, desmedido e compulsivo: carros caríssimos, muitos tipos de drogas e álcool, sexo e orgias intermináveis com mulheres lindíssimas, as quais são tomadas também como uma espécie de mercadoria. Vale destacar que o fundador do esquizodrama Gregorio Barenblitt afirma que um dos problemas do capitalismo é que somente produz a *demand*a pelo consumo e não o consumo em si, gerando um hiato entre a elevada incitação do desejo para consumir, e a quase impossibilidade de acesso aos bens materiais de consumo (Grande, 2022), restando assim a idealização e a ulterior frustração.

Na lógica desmedida do consumo, o vício ocupa um lugar central nas condutas de Belfort, em que há uma mescla entre trabalho e compulsão à repetição: o próprio trabalho como vício e a recompensa do trabalho possibilitando o vício nas drogas e nas práticas sexuais. Vislumbra-se no filme o vertiginoso processo do vício como repetição de condutas, quaisquer que sejam; nesse funcionamento o importante é repetir, repetir e repetir, seja cheirar, transar, gozar, trabalhar, ganhar dinheiro, um *acting out* sem fim. O capitalismo pode ser considerado como o triunfo do *acting out* como modo de viver e produzir numa modulação e aceleração incessante dos fluxos desejantes. Nessa mesma linha Mark Fisher destaca o lugar do vício nas sociedades neoliberais: “[...] longe de ser uma condição aberrante, o vício é o estado normal para os seres humanos, habitualmente escravizados em comportamentos reativos e repetitivos por imagens congeladas [de si próprios e do mundo]” (FISHER, 2020, p. 123).

Então o neoliberalismo não produz apenas o esgotamento e cansaço conclamados por Byung-Chul Han (2012), nem só a dívida impagável, afirmada por Maurizio Lazzarato (2013), mas sobretudo um terceiro elemento: o vício na repetição das condutas quaisquer. Portanto, podemos afirmar que no capitalismo, além do cansaço, da dívida e do consumo, há a compulsão e o vício. Seja o vício no prazer, o vício em assumir e afirmar suas características identitárias, seja do macho-hetero, o branco-ariano, o extremista de direita, o militante de esquerda etc.; o vício na fixação dos dogmas pelos religiosos, o

vício em seu próprio *Eu* pelos mais narcísicos, o vício na repetição, seja dos jogos, das apostas, da pornografia e da masturbação, o vício pela conexão nas redes digitais etc. Por exemplo, o aplicativo *Tinder* aparece como a promessa do acúmulo de possibilidades, a eterna utopia do novo “amor” a se consumir, e depois a se descartar... O vício em realizar e se desfazer das conexões, incessantemente. Então no neoliberalismo temos que ficar ligados ao máximo para repetir as rotações viciantes das engrenagens da hiperprodutividade, que de acordo com o filósofo Gilles Deleuze (1979), é a aceleração da produtividade do objeto qualquer. Deve-se acelerar os movimentos, a velocidade, somos viciados em velocidade, como afirma Paul Virilio (1996). Todavia, ao mesmo tempo em que somos acelerados e nos aceleramos, devemos forçar nosso descanso para que consigamos despertar no outro dia e manter a rotação de nossas engrenagens de modo compulsivo e acelerado. Seguimos assim uma vida de extremos, em dois polos:

[...] o transtorno bipolar é a patologia mental própria ao “interior” do capitalismo. Com seus incessáveis ciclos de euforia e depressão, o capitalismo é, em si, fundamental e irredutivelmente bipolar, oscilando entre a excitação maníaca incontrolada (a exuberância irracional das “bolhas”) e quedas depressivas (o termo “depressão econômica” não é à toa). O capitalismo alimenta e reproduz as oscilações de humor da população em um nível nunca antes visto em outro sistema social. Sem delírio e uma boa dose de confiança cega, o capital não poderia funcionar (FISHER, 2020, p. 64).

Deste modo, o sistema político-social gestiona diretamente nossos humores, produzindo nossos transtornos entre dois extremos. Se no diagrama disciplinar, a histeria aparecia como o transtorno psíquico paradigmático, no diagrama do rendimento, temos outra configuração que funciona a partir da bipolaridade; comportamento maníaco e depressivo. Um sistema político-econômico que atua diretamente nos afetos e nos humores das pessoas, intensificando seus extremos. Assim, “intensity and precariousness of late capitalist work culture leaves people in a state where they are simultaneously exhausted and overstimulated” (FISHER, 2014, p. 16). O povo, convertido em público em tempos noo-políticos (Lazzarato, 2006), é hiper estimulado para uma produção incessante bem como estão no extremo da exaustão.

Para tanto, necessitamos de ‘órteses’ para cumprir esse vaivém da bipolaridade, de um *doping* cognitivo para prosseguir nessa lógica bipolar. A psicofarmacologia torna-

se assim grande parceira no neoliberalismo com sua promessa de bioquimização da vida. Resulta-se uma espécie de simbiose entre humano e substâncias produzidas pela indústria farmacêutica. O sonho americano: o vício na anfetamina, efedrina, para funcionar e o vício no fentanil, para descansar. Cocaína e zolpidem. *Crack* e opiáceos. Estimulantes e calmantes. Acelerar e desacelerar, produzir e dormir, incessantemente, na maior fissura, seja no trabalho, na diversão ou no descanso (também visto como obrigação). Mistura mortal.

Por isso que nossa aparente falta de tempo não é apenas porque estamos trabalhando muito (Hur, 2018). É porque no tempo livre estamos viciados em alguma coisa, em jogos, apostas, religião, treino, trabalho, pornografia, álcool, *netflix*, redes sociais digitais, ou qualquer outro “lazer” que depois nos culpabilizamos por considerá-lo “inútil”, ou como Mark Fisher diria, que são expressão da precariedade cultural do capitalismo, pois se por um lado a vida cotidiana se acelera, a vida cultural se estagna (Fisher, 2014). Mesmo assim, são hábitos que consideramos mais prazerosos, ou ao menos, mais atrativos, do que participar de uma reunião, assembleia, de algum grupo político-social, considerada entediante ou demorada. Pois acreditamos que são condutas que poderão nos relaxar na intimidade do privado, ao invés de estar sob o olhar coletivo do público. Estes hábitos operam como *gadgets* que se repetem infinitamente, gerando pequenas fagulhas de prazer. Não conseguimos nos desconectar do vício da compulsão, mesmo cansados, aborrecidos, entediados. Queremos seguir mais e mais em busca destes pequenos reforços, destas pequenas excitações. Tal como os ratos de laboratório, que ao terem uma parte cerebral estimulada, continuam a bater na barra da caixa de skinner, infinitamente, até morrerem de exaustão.

Então o sintoma psicopolítico primordial no capitalismo não é o cansaço, como defende Han (2012), mas sim o vício e a repetição. Estamos muito viciados em qualquer pequeno prazer que nos distancia das antigas utopias de conseguir transformar o mundo. O álcool e as drogas, legalizadas ou não, ocupam lugar central para manter a consciência anestesiada, exercendo uma função principalmente psicopolítica, e secundariamente biológica. Por exemplo, o “Viagra answers not to a biological but to a cultural deficit: desperately short of time, energy and attention” (FISHER, 2014, p. 16). Ter que mostrar

prontidão sexual a qualquer momento, *fake* ereção, mostrar-se excitado e ereto, mesmo que não haja vontade libidinal, numa performance *fake* para o outro, e também para si próprio, para ganhar sua atenção e reconhecimento. A produção da ilusão da própria potência, onipotência, que mascara o medo inominável da impotência.

Também não é coincidência que os “bens humanos” de consumo retratados no filme correspondam à rostidade padrão (Deleuze & Guattari, 1980a), a rostidade maior, da supremacia branca. O próprio Jordan Belfort, de aspecto mais latino, é interpretado pelo ator Leonardo di Caprio, uma pessoa ariana, loira, de olhos claros. Ele troca a esposa com traços latinos pelo protótipo da *Barbie*, a linda, loira e ariana atriz Margot Robbie, ou seja, rostidades hegemônicas eurocolonizatórias. Assim, o conto de fadas neoliberal traz a promessa da rostidade padrão, bela, apolínea, tanto a do protagonista, como do outro, a da sua parceira, como sua concretização e recompensa. Isso nos remete que a direita política não apenas monopolizou os símbolos nacionais, como da bandeira do país (Lasswell, 1930; Villamizar, 2002), mas principalmente o corpo apolíneo. O corpo e sua beleza padrão são os bens de consumo mais explorados pela lógica neoliberal, e não pelo ideário da esquerda política, sendo mais um componente de captura da atenção, do desejo e de governo subjetivo. Os rostos e corpos apolíneos, belos, brancos, arianos, de olhos claros, são vendidos pelo capitalismo, sendo uma importante arma de sedução e captura da atenção e do desejo da população. Não se deseja apenas possuir o corpo ariano do outro, como também mimetizar-se em um corpo ariano em si, mesmo que sejamos de raças/etnias muito distintas dos eurocolonizadores arianos. Obviamente é uma arma eficaz não apenas da direita política, como dos próprios processos históricos de colonização e imperialismo.

Contudo, o filme traz uma nova característica no que tange à rostidade. A idealização apolínea passa a ser agenciada à prática desmedida, compulsiva, aparentemente dionisiaca. Há a equação Apolo + Dionísio. Assim o capitalismo seduz pela promessa de um movimento duplo: da posse da beleza apolínea, ao mesmo tempo que se deixa levar pela fruição da *hybris* dionisiaca, pelo excesso, extravasamento. Não obstante, o que de fato produz, ao invés de energia livre e caótica, é mais uma máscara vazia e uma prisão em um consumo compulsivo e repetitivo (e não desmedido).

Então o desmedido acaba ficando à mercê da hiperprodução e do hiperconsumo. Haveria que “esquizofrenizar” os fluxos da axiomática de capital (Deleuze & Guattari, 1972) “viciada” para fazer com que emergissem as forças dionisiacas, ao invés da aceleração do consumo viciado e repetido.

De qualquer forma, toda “recompensa” recebida por Jordan aparece de modo exagerado, todos seus bens materiais têm proporções monumentais, como por exemplo o iate que tem um tamanho gigantesco. Características grandiosas que são expressão desse conto de fadas neoliberal contemporâneo. Isso nos faz conjecturar sobre o papel do *exagero* na governamentalidade neoliberal. Consideramos que quanto mais exagerado algum aspecto é retratado, ele atinge maior potencial de difusão, pois possui maior *heurística de acessibilidade* (Tversky & Kahneman, 1973), isto é, tais imagens de pensamento possuem maior fixação no imaginário social (Hur; Sabucedo & Alzate, 2021), sendo rememorados mais facilmente. Deste modo, quanto mais exagerado algum aspecto é retratado, sendo explicitamente irreal, mais eficaz se torna para a captura da atenção do público. O exagero alimenta o mecanismo de idealização e o investimento desejante do coletivo, aumentando assim sua adesão. Pode-se ver isto em muitos discursos de *coaches*², que exageram sobrehumanamente suas qualificações, bem como em alguns golpes financeiros e esquemas de pirâmides, que sempre se promete muito, sejam conquistas e recompensas irreais, impossíveis, e muitas pessoas acreditam e querem acreditar, caindo na mentira, sofrendo a armadilha do golpe financeiro. De modo convergente, esses exageros são utilizados nos discursos de políticos como Jair Bolsonaro e Javier Milei (Hur, 2021; 2024). Então o absurdo e a mentira cumprem uma função importante para a captura da atenção e do desejo na lógica do consumo desenfreado. Há uma governamentalidade pelo absurdo, pelo mágico, pela fantasia, pela idealização, pelo excesso, tal como se fosse “Quanto mais absurdo melhor”, em que as pessoas procuram crer nessas fantasias, elas mesmas buscando e desejando viver essa ficção, mas ao final são enganadas. Vale destacar que a própria fundação do cristianismo se baseia num mito originário irreal, a concepção imaculada, na gravidez sem intercurso sexual, sofrida por Maria, que gerou o messias, Jesus Cristo.

² Como, por exemplo, os discursos do coach goiano Pablo Marçal (Hur, 2025).

Consideramos que uma das dimensões principais de captura do desejo do público no filme, mesmo que não esteja nomeado explicitamente, é o fomento do desejo de transgressão. Jordan atua a todo momento pela transgressão, enganando os clientes, o Estado, os órgãos reguladores, a polícia, inclusive as próprias esposas. A traição à esposa, ou seja, a transgressão à Instituição-casamento, é um imperativo em nome de todo prazer desenfreado que o \$ possa comprar. Também há a questão da gestão e manipulação dos fluxos financeiros e inclusive a manipulação da crença do público acionista. Opera-se uma transgressão ao contrato estabelecido com os próprios clientes. Engana-se os acionistas, sobrevalorizando ficticiamente o valor das ações, para vendê-las mais caro, e depois depreciar seu valor, em que se lucra nessa operação a partir da mentira e do engodo, em que os investidores perdem parte de seu dinheiro investido.

A transgressão aparece como um movimento estruturante da axiomática do capital, do diagrama do capitalismo, que funciona pela descodificação e ruptura dos códigos instituídos (Deleuze & Guattari, 1972; Hur, 2022), no ideal de abrir fronteiras e outros terrenos que não haviam sido antes navegados, de escapar do poder gravitacional do diagrama de soberania dos antigos Impérios. Há aí uma pitada de um componente *sadeano*, o desejo pela destruição das instituições tradicionais em nome da hiperprodutividade e dos lucros máximos prometidos pelo Capital. Por isso que surgem livros de *coaches* do neoliberalismo que clamam pela desobediência (Benvenutti, 2021), utilizando um antigo princípio da esquerda, mas agora como um importante componente da pedagogia neoliberal, de romper com as lógicas instituídas para lucrar mais. E o que foi o governo Bolsonaro e o bolsonarismo se não o imperativo de destruir as Instituições tradicionais e públicas e permitir a devastação da natureza em prol dos fluxos do capital?

Deste modo, o filme figura muito bem como a transgressão funciona como matriz do neoliberalismo, como modo de gestão dos fluxos de financiamento, que não opera apenas pela produção material, mas principalmente pelo componente imaterial, das transformações incorporais. Deve-se enganar e transgredir todas as instituições para ter êxito; direto na garganta. Se a subjetividade disciplinar era a da adaptação à norma, aos limites, aos códigos (Foucault, 1979; Hur, 2018), muitas vezes represando o desejo, a

subjetividade capitalista é a incitação a tudo que o desejo possa consumir, realizar, transgredir, destruir e comprar, ou ao menos, essa é sua promessa.

Nesse sentido, há uma série de características retratadas em *O Lobo de Wall Street* que fomenta uma identificação do público com o personagem principal no *zeitgeist* atual, convertendo-o como um filme *cult* para os *yuppies* e jovens de direita. Uma trama que segue o mesmo roteiro de um filme de artista de rock, recheado de sexo, drogas e prazer, o mote é a transgressão encarnada numa rostidade extremamente ariana, numa suposta mescla entre Apolo e Dionísio. Transgredir para enriquecer e poder consumir os bens materiais de status: carros, iate, mulheres lindas, cocaína. Há uma modulação do desejo em que se defende um hedonismo louco, sem limites, viciado. E o público se identifica com o ideal, delira e torce para o protagonista infrator. O lobo traz a idealização, o feitiço do capital, a sua face bela e suntuosa, a promessa da riqueza e do prazer, via transgressão: o novo sonho americano.

2º Movimento - Prazer e transcendência: Hellraiser

Se no tópico anterior falamos do sonho americano, aqui abordamos *the american nightmare*: o filme *Hellraiser. Renascido do Inferno* (1987), uma ficção de terror criada pelo multiartista Clive Barker. Vislumbramos que mesmo que no primeiro filme citado no artigo tenha todo o brilho e matéria do sonho, e este, as trevas, ganchos e sangue do *gore*, do pesadelo, ambos se referem às duas faces da mesma moeda.

Hellraiser inicia-se com um personagem adquirindo uma pequena caixa, toda entalhada, e que pode ser manipulada como um cubo mágico. A diferença é que ao ser manejada, a caixa adquire diferentes conformações, chegando a abrir um portal a outro mundo. A caixa, ou “a mercadoria”, é o acesso ao portal para a transcendência. Mas ao abrir esse portal, o personagem não acede a outro mundo, nem alcança o prazer incomensurável, mas a experiências de tortura, sofrimento e morte. Correntes e ganchos se enfiam em sua carne, seu corpo é suspenso e dilacerado. E ocorre o encontro com seres híbridos, cortados, lacerados, ciborgues, cheios de pregos e outros metais atravessados em suas carnes pálidas: os cenobitas.

Pleasure and pain, prazer e dor. Esse é o mote de cada um dos filmes da franquia *Hellraiser*: a busca incessante pelo prazer que nos leva ao dilaceramento, e que possivelmente nos transforma em *Máquinas cenobíticas*, numa conjunção entre carne e metais, em sombrios e lúgubres seres cibernéticos. E essa é a aproximação que fazemos com a caixa de pandora do capitalismo, a promessa do prazer desenfreado, em que supostamente pode-se comprar tudo, sentir tudo. A concretização do prazer e de um hedonismo sem limites e que obviamente não deve ser confundido com a felicidade, mas sim como um reforço ilimitado que leva do prazer à dor.

A produção de um corpo sem órgãos (Deleuze & Guattari, 1980a) que leva o corpo ao limite, onde ele é esticado ao máximo possível, até que se arrebente numa orgia de sensações. O sonho do *yuppie* é poder alcançar o prazer incomensurável, mas ao contrário torna-se escravo do prazer e das sensações corporais. Ele traça uma jornada capitalista deveras perigosa, repleta de sofrimentos e desilusões, que pode tangenciar a morte psíquica. Assim, não é produzido um corpo sem órgãos glorioso, dionisíaco, senão um corpo despedaçado, suturado, lúgubre. Um corpo que após ser estraçalhado, é recolhido e costurado com grampos e correntes, sendo o resultado da reterritorialização de órgãos sem corpos que sofreram uma desterritorialização radical, que traçaram a linha de fuga da morte e do esvaziamento sem prudência (Hur, 2020). O resultado é a proliferação de seres sombrios, niilistas, ciborgues, que apenas reproduzem as rotações das engrenagens sociais.

Além da questão da busca do prazer sem limites, *Hellraiser* trabalha uma característica muito presente no capitalismo, que é o ideal de transcendência. A utopia de ficar rico está totalmente no plano da transcendência, em que as pessoas imaginam que adquirindo uma grande soma financeira resolverão todos os problemas materiais, existenciais e afetivos em que vivem. Assim abrir a caixa remete também a ascensão a um outro plano, que as “pessoas normais” não atingem. É perseguir a promessa de *sair da série ordinária* para ser um “elemento *extra-ordinário*”, isto é, “fazer saltar um termo de sua série habitual” (DELEUZE, 1982/1983, p. 356), para atuar em outra série, fora de sua rotina habitual. Ou seja, atingir, ou ser portador de um funcionamento que vai além

da “relação natural”, em direção ao extraordinário, por exemplo, o ideal de ascensão de classe social, ou ser mais rico que os próprios antepassados.

Sair de uma série e ir para outra. Algo que não era possível na antiga sociedade de estamentos, mas atualmente é com as diferentes classes sociais. Isso se articula ao ideal do diagrama de soberania, que é o de estabelecer a própria soberania sobre seu lar, sua família, isto é, *the american dream*, o sonho americano. Transcendência e superação. Ultrapassar os índices, romper a Lei, ser melhor do que o pai foi. Atingir territórios não antes vistos, colonizar novas terras. Ocupar o lugar de mestre, trocar o pai pelo “falo” - com a morte de Deus, o homem busca ocupar seu lugar (Deleuze, 1986), mesmo que seja um novo falo ilusório, a promessa do prazer sem limites.

A busca em abrir o portal, atravessar a fronteira, sair desse mundo e alcançar outro, como se esse onde vivemos já não nos bastasse. Um neoimperialismo, conquistar novas terras, singrar novos mares, conectar-nos com outras realidades, tal como a irrupção da realidade *online*, digital, em contraposição à presencial. Então *Hellraiser* também consigna o imperativo das conexões aos múltiplos planos, aos vários mundos, seja o concreto e o transcendente. Se no diagrama disciplinar, tínhamos uma atenção linear em apenas um mundo, um foco, no diagrama atual temos que ter uma atenção multifocal, numa coexistência de múltiplos planos ao mesmo tempo. Foco em muitas coisas, tal como “abrir diferentes janelas do *windows* do computador ao mesmo tempo³”. Então temos que nos conectar e manter a atenção não em apenas uma tarefa, mas em diversas ao mesmo tempo. Evidentemente essa conduta gera aumento da ansiedade, pois o foco não é mais apenas em uma coisa, senão em uma difração da atenção em várias coisas ao mesmo tempo. Tal difração, por um lado pode prejudicar a consecução de uma tarefa, mas por outro, pode possibilitar a realização de várias tarefas ao mesmo tempo, de um modo mais automatizado e possivelmente mais precário, e evidentemente mais ansiógeno.

Fomenta-se assim a necessidade, ou o imperativo, de sempre estarmos conectados. Caso contrário, o que emerge é o horror e desamparo à desconexão, seja o desespero de perder a conexão com a internet, ou de sair de casa sem o telefone celular. Mark Fisher

³ Essa figuração foi utilizada pela Profa. Vera Paiva ao referir-se ao modo difratado de atenção de seus atuais alunos (conversa pessoal em 2022).

utiliza o exemplo do aluno que está em sua aula com o fone de ouvido em suas orelhas, mas sem escutar. Não importa se seu aparelho está ligado, ou não, mais “[...] funciona como uma garantia de que a *matriz*⁴ ainda está lá, a fácil alcance” (FISHER, 2020, p. 47, *itálico no original*). Ficamos logados no celular, no *instagram*, na TV, mais pelo sentimento de conexão à *Matriz*, do que efetivamente em desfrutar as imagens e vídeos consumidos. Queremos estar conectados a um conteúdo que está passando ao vivo, mesmo que não estejamos prestando atenção. Já uma gravação passada no *youtube* não desperta tanto interesse. Por isso o sentimento de desamparo, de falta de referências, ou mesmo de tempo perdido, quando nos desconectamos de nossos aparatos eletrônicos.

Hellraiser nos mostra então o verdadeiro feitiço do capitalismo, a promessa da transcendência, o governo pela busca hedonista, a conexão a diversos planos, à *Matriz*, em que o limiar é o estraçalhamento. Portanto, mais que o *gore*, ou o ressurgimento da morte, *Hellraiser* expressa a jornada da ruptura com a Lei, da transgressão do instituído e da carne e a necessidade da conexão a vários mundos ao mesmo tempo. O capitalismo tem como imperativo a transgressão à lógica paterna, patriarcal, ao diagrama estatal, em que se busca criar uma nova soberania: do corpo-máquina, da produção-destruição, do prazer e da dor, atuando de modo difratado em várias instâncias.

3º movimento - Governamentalidade neoliberal: o canibal e o zumbi

Dahmer: um canibal americano (2022) é um seriado criado por Ryan Murphy e Ian Brennan, que se inspira numa história verídica. A trajetória de Jeffrey Dahmer chocou a opinião pública e ficou mundialmente conhecida quando seus crimes foram publicados pelos meios de comunicação norte-americanos no ano de 1991. A lista é longa: estupro, cárcere privado, assassinato, necrofilia, ocultação dos corpos, canibalismo. Dahmer ficou conhecido como o Canibal de Milwaukee, tendo sua vida retratada em livros, filme e neste seriado televisivo.

⁴ A matriz, ou então *Matrix*, faz referência ao filme das irmãs Wachowski (1999). A matriz pode ser uma espécie de entificação da axiomática do capital, do Capitalismo Mundial Integrado (Deleuze & Guattari, 1972), ou mesmo do Império (Hardt & Negri, 2005). Uma conexão imaterial que produz uma sujeição social e servidão maquínica jamais vista (Deleuze & Guattari, 1980b), praticamente um “novo Deus”, que cria o que Fisher denomina de hiperstição.

Os seus diversos crimes são terroríficos. Mas o que mais nos chama a atenção em sua trajetória é uma parte do seu *modus operandi*, que será o único aspecto que citaremos neste artigo para refletir sobre o neoliberalismo. Para manter suas vítimas consigo por mais tempo em seu cárcere privado, e prosseguir suas sessões de abuso sexual, Jeffrey inventou um experimento que consistia numa técnica de “zumbificação”. Ele fazia uma incisão no crânio de suas vítimas com uma furadeira elétrica comum, dessas que são utilizadas para fazer furos na parede. Após a realização do furo no crânio e no cérebro de sua vítima, ele injetava com uma seringa um tipo de ácido em seu cérebro. Sua crença é que esse ácido causaria um dano neurológico que tiraria a vontade de suas *presas*. Assim elas poderiam ser suas servas, satisfazendo seus prazeres sexuais e necessidades afetivas, continuando a “trabalhar” para si, tal como zumbis pós-modernos. Não era uma lobotomia para apaziguá-las, técnica do diagrama disciplinar, mas uma tecnologia delirante para governá-las, escravizá-las, sendo emblemática do diagrama neoliberal. Contudo, em um curto espaço de tempo elas viriam a óbito, e Dahmer voltava a procurar novas vítimas.

Por mais que remeta a uma conduta individual, psicopatologizada e condenada pela opinião pública, consideramos Dahmer como uma das expressões emblemáticas do neoliberalismo. Uma espécie de empreendedor globalizado, solitário, independente, que sai à caça, à hiperexploração e escravização do que o marxismo considera como o lumpen-proletariado, no caso, garotos de programa, moradores de rua, jovens descendentes de imigrantes, orientais, negros e indígenas. “Vidas matáveis”, modalidades de homo sacer (Agamben, 2002), que a “sociedade” não sentiria falta de suas ausências, e nestes casos específicos, as forças policiais não se dedicaram ostensivamente a procurá-las. Vidas que serviram para satisfazer aos prazeres mais vis do seu predador.

O *serial killer* pode ser visto como uma modalidade de vampiro pós-moderno, não mais um Conde da nobreza encerrado nos muros de seu castelo, mas sim um ser quase invisível, desadaptado, circulando no campo aberto e noturno das cidades. Há assim a transição da figura *das margens* do diagrama de soberania para a circulação no centro da cidade do diagrama neoliberal. No modelo imperial, no diagrama da soberania, havia o conde Drácula, ou mesmo a condessa Erzsébet Báthory, que sequestrou suas vítimas que eram suas conhecidas na espacialidade de seu castelo, e fez seu banho de sangue com

mais de quatrocentas vidas. No diagrama de controle (Deleuze, 1990), ou rendimento (Han, 2012; Hur, 2018), há o deslocamento dos muros institucionais para o campo da cidade, Jeffrey transita por diferentes bares noturnos, levando suas vítimas para qualquer lugar que esteja, seja na casa de seus pais, de sua avó, na sauna, no apartamento que aluga, sendo não um conde, senão um anônimo desconhecido, que violenta e assassina suas presas.

Consideramos que esse anônimo desconhecido pode ser visto como a expressão do sujeito neoliberal. É aquele que opera a extração de diversos fluxos de mais valia de suas vítimas, do sexo, da companhia afetiva, da carne a ser devorada, dos ossos-souvenires a serem polidos e guardados como recordações materiais destes momentos. O canibal é o verdadeiro lobo do homem. Não apenas as vidas são roubadas, mas há a incorporação de suas carnes em si, seja pelo ritual de desmembramento dos corpos, ou pelo ato de devoração de sua matéria, e de sua suposta oferta e compartilhamento da carne com os vizinhos de seu prédio.

A tecnologia neuropsicofarmacológica de controle de Dahmer, seu “feitiço”, sua bruxaria alquímica, expressa o apogeu da governamentalidade neoliberal. Ele buscou literalmente entrar na cabeça das pessoas para controlá-las. O canibal entificou uma tecnologia de controle subjetivo, infundindo um fluxo material na cabeça de suas vítimas para que pudessem ficar sob seu domínio, como se fosse um *feitiço* para controlar seus espíritos, ou um *software* para reprogramar seus desejos. Verdadeiro e aterrador mecanismo de controle, já antecipado por William Burroughs (Deleuze, 1990). Zumbificá-las para trabalharem para si e lhes dar prazer. Eliminar a vontade e a potência de vida de suas presas para servir a um senhor, ou a uma “lógica superior”. Dahmer é a dobradiça entre a biopolítica e a noo-política (Lazzarato, 2006; Hur, 2013), a transição entre o poder sobre os corpos, para o poder sobre o pensamento, o desejo, os afetos e a subjetividade. Jeffrey Dahmer operou biologicamente e materialmente o que a governamentalidade neoliberal faz imaterialmente. Ele tentou concretizar isso em fluxos na carne. A mesma máquina abstrata, operada rudimentarmente em seu caso, e no âmbito político-social com sofisticados aparatos tecnológicos. A tentativa da fabricação de zumbis que repetem suas rotinas de trabalho, de treino, de vícios etc., e mal sabem o

porquê. Seu êxito seria o triunfo do *acting out* neoliberal.

Vale destacar que, obviamente, desde os primórdios da humanidade houveram diversas modalidades de governo noo-político, pois ele não foi inventando com o capitalismo. Por exemplo, a religião cristã historicamente propagou uma série de crenças, a culpa e inventou um personagem que personifica o inimigo: o diabo como a força mais maligna. Contudo, destaca-se que nesse caso há um agenciamento entre diagramas, em que se mescla essa forma de poder imaterial ao poder mais direto possível, a noo-política à serviço do poder soberano, como as torturas e violações físicas, pregar pessoas à cruz e deixa-las agonizando até à morte. Uma religião com o discurso do amor, mas que perpetrrou o extermínio da Inquisição. Atualmente chegamos a um momento social-histórico que possivelmente este governo noo-político seja mais eficaz e coercitivo do que o próprio governo físico à base da repressão direta, em que há uma modulação subjetiva e das relações sociais de modo mais descentralizado e etéreo, a partir da programação capitalista, que pode se assemelhar a um feitiço, ou mesmo a um *software* que continuamente modula os processos de subjetivação.

Consideramos a fórmula dahmeriana paradigmática, pois foi o intento da produção do que podemos denominar como sujeito capitalista. Assim, o neoliberalismo produz mais o “zumbi africano”, o zumbi dahmeriano, do que a figura do *walking dead*, tão em moda e retratada nos filmes e seriados norte-americanos de mortos-vivos. O *walking dead*, os mortos-vivos que comem cérebros, talvez seja o “resto” do neoliberalismo, o seu efeito indesejado, o novo lumpen-proletariado. A figura do *walking dead* personifica a forma subjetiva que não produz mais valia ao capitalismo e ainda se alimenta da potência cognitiva dos outros. Devem assim ser exterminados pelos “heróis” desses filmes. Já o zumbi dahmeriano pode ser visto como o trabalhador neoliberal, com suas injeções de ânimo, motivação, *coaches*, técnicas de autoajuda e anfetaminas para sempre trabalhar mais e mais, muitas vezes operando numa hiperprodução extrema sem saber o porquê: deve-se continuar trabalhando e produzindo o máximo possível.

Consideramos assim que a governamentalidade neoliberal agencia um tipo de feitiço noo-político. A mágica em colocar determinadas imagens de pensamento, símbolos, mecanismos cognitivos, no imaginário das pessoas. E também fazê-las sentir

determinadas emoções, tal como medo, insegurança, raiva, excitação, prazer e esperança. Um modo de entrar na cabeça, no corpo, das pessoas, agenciar seus desejos, seduzi-las e possuí-las. Somos uma carne que entra em conexão com essa máquina abstrata neoliberal, somos modelados e modulados por ela, acelerados incessantemente na produção do objeto qualquer, em que somos programados para desejar e vibrar com essa hiperprodução.

Considerações finais

Neste artigo trouxemos alguns elementos de três obras audiovisuais midiáticas, dois longa-metragens e um seriado, para refletir sobre algumas dimensões do governo subjetivo do capitalismo. Por mais que *O Lobo de Wall Street*, *Hellraiser* e *Dahmer* tratem de narrativas específicas acerca de suas próprias histórias, nos trazem importantes elementos acerca do funcionamento psicopolítico do capitalismo que não pautam na negatividade, em mera ideologia, ou alienação, como o marxismo defende. Há uma produção psicopolítica que parte de um pragmatismo, de atos realizativos, e não de um falseamento da realidade, sobre as seguintes dimensões: a idealização, o vício, a transgressão, a transcendência e um novo modo de governamentalidade subjetivo.

A primeira dimensão do funcionamento psicopolítico é a idealização da riqueza, do sucesso e do consumo desenfreado, que supostamente podem ser alcançados através do trabalho e da meritocracia. Então a população idealiza o êxito e se identifica idealmente com as personagens exitosas neoliberais, desejando esse sucesso e trabalhando para isso. O vício passa a ser uma categoria constituinte do funcionamento neoliberal, em que há uma espécie de compulsão à repetição, seja na conduta instituída do trabalho, ou de práticas do “lazer”, como jogos, apostas e outros hábitos, que obtêm sua intensificação na drogadição em estimulantes e calmantes. Assim, não se consegue parar de trabalhar, ou de repetir alguma conduta estereotipada, para alcançar seus objetivos de hiperprodução ou hiper-satisfação. A transgressão é outra dimensão do neoliberalismo muito sedutora, em que se busca a ruptura dos estratos instituídos, em prol da vazão dos fluxos de produção e mais valia. Há uma incitação à insurgência, à destruição, mas que não é revolucionária, ou emancipadora, senão que leva somente à

aceleração da produção. A promessa do capitalismo de riqueza, mais do que um ganho material, remete a uma lógica da transcendência, na expectativa de ascender de patamar, mudar de classe social, atravessar para o outro lado, não conhecido, mas supostamente melhor do que o que se vive. A transcendência é um mecanismo de controle e esperança utilizada desde tempos imemoriais, seja pelas religiões e hoje pelos mecanismos político-econômicos. E por último, o neoliberalismo remete a um modo de poder que não necessita de um chefe imediato, mas sim de um governo subjetivo noo-político, isto é, um poder sobre o pensamento, o cérebro, os afetos, não precisando assim de uma espacialidade de contenção, ou de imperativos diretos, visto que seu controle torna-se uma espécie de programação subjetiva que se efetua difusa e molecularmente em qualquer território do campo aberto da cidade.

Jordan Belfort expressa o anti-herói pós-moderno que fornece toda uma pedagogia existencial calcada em um empreendedorismo transgressor e viciante. *Hellraiser* porta toda a idealização e ilusão da transcendência, que nos leva à promessa do prazer desenfreado e das almeçadas superações. Já *Dahmer* traz o sinal dos tempos: humano come humano, extrai o máximo do prazer aniquilando, despedaçando o corpo de outro humano, buscando governar diretamente seu cérebro. Portanto, o capitalismo opera como um novo modo de poder sobre o pensamento e a subjetividade que não está pautado na alienação ou falseamento do real, mas sim na modulação dos investimentos desejantes do público, seus afetos, condutas e idealizações. O neoliberalismo atualiza um modo de funcionamento que se assemelha a uma “feitiçaria”, erigindo crenças coletivas, fetiches, nas quais as pessoas buscam acreditar nesses imperativos. O público vive e atualiza esse funcionamento psicopolítico adotando-o como pedagogia de ser e existir. E nem se questiona se há outras alternativas possíveis, pois as recompensas pela transcendência são muito idealizadas, sedutoras, desejadas e ansiadas. Assim o terror gerado nestas obras não é o horror do sangue, das mortes, ou do fracasso, mas sim de um mecanismo de captura psicopolítico em que passamos a desejar, efetuar e atualizar nossa própria sujeição social e servidão maquínica.

Referências

O canibal e o cenobita em Wall Street: capitalismo, vício e subjetividade.

Cadernos do LPPP UFJ, vol. 02, n. 01, e0201, 2025

AGAMBEN, Giorgio. **Homo Sacer: O poder soberano a e vida nua I**. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

AUSTIN, John. **Cómo hacer cosas con palabras** [1962]. Barcelona: Paidós, 1988.

BARKER, Clive. **Hellraiser. Renascido do Inferno**. Longa-metragem. Entertainment Film Distributors, 1987.

BARROS, Regina Benevides & PASSOS, Eduardo. Clínica, política e as modulações do capitalismo. **Lugar Comum**, n. 19-20, p. 159-71, 2004. Disponível em: <https://app.uff.br/slab/uploads/texto28.pdf>. Acesso em 02 out. 2024.

BENVENUTTI, Mauricio. **Desobedeça: a sua carreira pede mais**. São Paulo: Gente, 2021.

CARVALHO, Sheila C. K.; NIELSSON, Joice. C.; PEDRAZZI, Victoria. O Lobo de Wall Street e a política dos comuns: um paralelo entre o capitalismo neoliberal predatório e uma nova possibilidade de vida em sociedade através da política dos comuns. **Revista Caderno Pedagógico**, v. 21, n. 7, p. 01-18, 2024. DOI: <https://doi.org/10.54033/cadpedv21n7-220>.

DELEUZE, Gilles. **Derrames: Entre el capitalismo y la esquizofrenia** [1971-1972]. Buenos Aires, Cactus, 2005.

_____. **Derrames II: Aparatos de Estado y axiomática capitalista** [1979]. Buenos Aires, Cactus Editorial, 2017.

_____. **Cine II: Los signos del movimiento y el tiempo** [1982/1983]. Buenos Aires: Cactus, 2011.

_____. **El poder: curso sobre Foucault** (Tomo 2) [1986]. Buenos Aires, Cactus editorial, 2014.

_____. **Conversações** [1990]. São Paulo, Ed. 34, 1992.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Capitalismo e Esquizofrenia: O Anti-Édipo** [1972]. São Paulo: Ed. 34, 2010.

_____. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**, vol. 3, [1980a]. São Paulo: Ed. 34, 1996.

- _____. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**, vol. 5, [1980b]. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- FISHER, Mark. **Realismo Capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?** São Paulo: Autonomia Literária, 2020.
- _____. **Ghosts of my life: writings on depression, hauntology + lost futures**. Hants: Zero books, 2014.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- FREUD, Sigmund. Psicologia de Grupo e análise de Ego. In: **Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, vol. XVIII [1921]. Rio de Janeiro: Imago, p.87-179, 1976.
- GRANDE, Alfredo. **Conversaciones implicadas con Gregorio Barenblitt: psicoanálisis, subjetividades y Revolución**. Buenos Aires: Ed. Herramienta y Contrahegemonía Web, 2022.
- HAN, Byung-Chul. **La sociedad del cansancio**. Barcelona: Herder editorial, 2012.
- HARDT, Michael & NEGRI, Antonio. **Imperio**. Barcelona: Paidós, Surcos, 2005.
- HOBBS, Thomas. **Leviatã ou Matéria, forma e poder de um Estado eclesiástico e civil** [1651]. São Paulo: Editora Abril, 1974.
- HUR, Domenico U. Da biopolítica à noopolítica: contribuições de Deleuze. **Revista Lugar comum**, n. 40, p. 201-215, 2013. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/321173904_Da_biopolitica_a_noopolitica_contribuicoes_de_Deleuze. Acesso em: 01 out. 2024.
- _____. Axiomática do capital e instituições: abstratas, concretas e imateriais. **Revista Polis e Psique**, v. 5, n. 3, p. 156-178, 2015a. DOI: <https://doi.org/10.22456/2238-152X.58450>. Acesso em: 02 out. 2024.
- _____. Corpocapital: códigos, axiomática e corpos dissidentes. **Revista Lugar Comum**, n. 45, p. 232-245, 2015b. Disponível em: <https://revistas.ufjf.br/index.php/lc/article/view/49945/27221>. Acesso em: 01 out. 2024.

- _____. **Psicologia, política e esquizoanálise**. Campinas, Alínea, 2018.
- _____. A Clínica do Corpo sem Órgãos: Esquizoanálise e Esquizodrama. **Porto Arte: Revista de Artes Visuais**, v. 25, n. 44, p. 1-21, 2020. DOI: <https://doi.org/10.22456/2179-8001.110078>.
- _____. Discursos sobre a retórica governamental de Bolsonaro: louco, genocida, necroliberal ou cortina de fumaça? **Lugar comum**, v. 61, p. 190-210, 2021. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/lc/article/view/46546/25120>. Acesso em: 02 out. 2024.
- _____. **Esquizoanálise e esquizodrama: clínica e política**. Campinas, Alínea, 2022.
- _____. O Idiota como estratégia governamental em tempos extremistas: Milei e Bolsonaro. **Revista Lugar Comum**, vol. 69, p. 150-170, 2024. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/lc/article/view/63808/40663>. Acesso em: 12 set. 2024.
- _____. Pablo Marçal como nova oferta psicopolítica neoliberal. **Revista Lugar Comum**, vol. 71, p. 70-93, 2025. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/lc/article/view/67106/42696>. Acesso em: 11 fev. 2025.
- HUR, Domenico U.; SABUCEDO, José Manuel; ALZATE, Mónica. Bolsonaro e COVID-19: negacionismo, militarismo e neoliberalismo. **Revista Psicologia Política**, v. 21, n. 51, p. 550-569. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpp/v21n51/v21n51a18.pdf>. Acesso em: 02 out. 2024.
- JAMES, Oliver. **The selfish capitalist- Origins of Affluenza**. London: Vermilion, 2008.
- KAËS, René. **O Grupo e o Sujeito do Grupo: Elementos para uma teoria psicanalítica do grupo**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.
- LASSWELL, Harold. **Psicopatología y política** [1930]. Buenos Aires: Paidós, 1963.

- LAZZARATO, Maurizio. **Políticas del acontecimiento**. Buenos Aires: Tinta Limón ediciones, 2006.
- _____. **La fábrica del hombre endeudado: ensayo sobre la condición neoliberal**. Buenos Aires: Amorrortu, 2013.
- LOURAU, René. **A Análise Institucional**. Petrópolis: Vozes, 1975.
- MURPHY, Ryan & BRENNAN, Ian. **Dahmer: um canibal americano**. Série televisiva. Netflix, 2022.
- PRECIADO, Paul-Beatriz. **Beatriz Preciado en Redes**. In: TV 2, 2006. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=W8wfc2JNMd4>. Acesso em: 02 out. 2024.
- SCORCESE, Martin. **O Lobo de Wall Street**. Longa-metragem, 2013.
- SOARES, Fabio Montalvão. **Cinema e subjetividade: Arte, indústria, política e o dispositivo revolucionário de Glauber Rocha**. Niterói: Devir Editor, 2019. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.8193650>.
- TVERSKY, Amos; KAHNEMAN, Daniel. Availability: A heuristic for judging frequency and probability. **Cognitive Psychology**, vol. 5, n. 2, 1973, p. 207-232 DOI: [https://doi.org/10.1016/0010-0285\(73\)90033-9](https://doi.org/10.1016/0010-0285(73)90033-9).
- VILLAMIZAR, Darío. **Jaime Bateman: biografía de un revolucionario**. Bogotá: Planeta, 2002.
- VIRILIO, Paul. **Velocidade e política**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- WACHOWSKI, Lana; WACHOWSKI, Lilly. **The Matrix**. Longa-metragem. Warner Bros. Pictures, 1999.

Domenico Uhng Hur é Professor associado do curso de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Goiás - UFG. Psicólogo, mestre e doutor em Psicologia Social pelo Instituto de Psicologia da USP, com estágio doutoral na Universitat Autònoma de Barcelona e pós-doutorado na Universidad de Santiago de Compostela (Espanha). Atua na área da Psicologia Social, articulando os temas: esquizoanálise, política, grupo e instituição.

E-mail: domenicohur@hotmail.com

Aceito em 20/09/2024

Publicado em 07/03/2025